



Com materiais reaproveitados, Naira compõe uma mesa com personalidade e carinho



A criatividade traz personalidade ao lar de Ana



Ana Maria reutiliza enfeites para criar algo novo



Enfeites feitos à mão evocam pertencimento

Menos excesso, mais intenção

Segundo a designer de interiores Aline Silva, da InteriorAS Design, o crescimento das decorações artesanais reflete uma mudança mais ampla no comportamento das pessoas. “O Natal feito em casa convida à pausa, ao afeto e à identidade. Quando a gente cria a própria decoração, ela deixa de ser apenas estética e passa a contar uma história, da família, do momento vivido, das memórias que se constroem”.

Esse movimento também dialoga com a arquitetura e o estilo de vida brasileiros, que caminham para ambientes mais elegantes, contidos e acolhedores. “A sofisticação não está no valor do material, mas na escolha da paleta, no acabamento e no equilíbrio da composição”, explica Aline. Vidros reaproveitados, papéis de boa gramatura, tecidos naturais, galhos, folhas e sementes são suficientes para criar peças resistentes e atemporais. “Menos excesso, mais intenção.”

Entre as principais tendências de DIY natalino estão arranjos naturais com acabamento sofisticado, como folhagens, galhos, sementes e fibras naturais, que continuam em alta, mas usados de forma mais limpa e elegante. Menos volume, mais composição. É a natureza brasileira traduzida com refinamento.

As guirlandas minimalistas feitas à mão trazem personalidade, e enfeites artesanais em vidro e cerâmica, como bolas transparentes, cerâmicas foscas, linho e algodão cru, aparecem como alternativas às peças muito coloridas ou rústicas, criando um Natal mais atemporal.

As velas artesanais também aparecem como protagonistas, feitas em casa, colocadas em potes de vidro, cerâmica ou metal, com aromas leves e tropicais. “Elas ajudam a criar uma atmosfera acolhedora, algo muito presente na cultura brasileira”, explica Aline.

Transformar o que já existe

Potes de vidro viram castiçais com luzes e raminhos; embalagens de papel se transformam em porta-guardanapos; restos de madeira funcionam como bases para arranjos. Para Aline, a chave está na intenção e no cuidado com o acabamento. “Lixar, limpar e finalizar bem os detalhes evita o aspecto improvisado.”

Essa lógica também aparece na história da empresária Ana Maria Luciano, 50 anos, que encontrou na decoração manual uma forma de honrar suas raízes. Vinda de uma família do interior do Pará, ela relembra a infância em que a árvore de Natal era feita de galhos decorados com cascas de ovos e algodão, tradição criada pela mãe. “Era a nossa árvore. Hoje, fazer decoração à mão é uma forma de reviver esse passado.”

Ana começa o processo ainda em outubro, observando o que foi guardado do ano anterior e decidindo quais espaços da casa quer transformar. Sem plano fixo,

cria a partir do olhar e da vontade de não repetir o que já foi feito. Entre os enfeites mais marcantes estão uma guirlanda de balas coloridas e um escapulário de porta feito com meias grandes, que exigiu várias tentativas até ficar pronto. “Deu trabalho, mas ficou muito bonito.”

E Ana sempre reaproveita os enfeites todos os anos, guardando bem para serem usados novamente ou para se tornarem algo diferente, com fitas e flores novas, pesando menos no bolso no fim do ano.

Criar também é estar junto

Para muitas famílias, o DIY vai além da decoração e se transforma em um momento de convivência. Na casa de Naira, a mãe participa ativamente do processo.

“Ela dá os palpites dela, e eu adoro. É uma forma de estarmos juntas, criando memórias enquanto montamos a decoração.”

Guardar e reutilizar os enfeites também faz parte do ritual. Peças feitas à mão ganham novos usos, pequenos ajustes e atravessam vários natais, carregando histórias acumuladas. “Às vezes, uso exatamente como estão, outras vezes dou uma renovada. Isso torna cada Natal ainda mais especial”, diz Naira.

Em tempos de consumo acelerado, a decoração feita à mão propõe uma pausa. Um convite para olhar o que já existe, valorizar o tempo dedicado e transformar a casa em extensão da própria história. No fim das contas, o Natal ganha menos brilho industrial e muito mais alma.

***Estagiária sob supervisão de José Carlos Vieira**